



## A VIVÊNCIA COMO MODO DE CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO

### LIVED EXPERIENCE AS A MODE OF KNOWLEDGE CONSTITUTION

Maria Aparecida Viggiani Bicudo<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo é constatada a polissemia do termo *vivência*, tal como ele é tratado por muitos autores que, em virtude da ausência de uma tematização mais explícita da palavra e de suas implicações filosóficas, leva muitos pesquisadores iniciantes a banalizarem significados possíveis. Frente a essa observação, propõe-se retomar o termo *Erlebnis* à luz do pensar de Edmund Husserl e destacar o próprio ato de conhecer, entendido no âmago desse pensar filosófico, como não sendo apenas o ato de representar ou de descrever o que está fora, mas de *vivenciar* o aparecer das coisas como sentido dado na experiência. Assumindo que toda experiência consciente é uma *Erlebnis* e que *Erlebnis* é uma vivência estruturada pela intencionalidade, em que algo é vivenciado *como* algo e, ainda, que essa estrutura acompanha e constitui o conhecimento; expõe-se, ao longo do artigo, que consciência e *Erlebnis* não são esferas distintas, mas se coimplicam estruturalmente.

**Palavras-chave:** *Erlebnis*; Consciência; Intencionalidade; Conhecimento; Consciência reflexiva.

**Abstract:** This article addresses the polysemy of the term *vivência* (lived experience), as it is treated by many authors who, due to the absence of a more explicit thematization of the term and its philosophical implications, often lead beginning researchers to trivialize its possible meanings. In response to this observation, it is proposed, in this paper, a reconsideration of the term *Erlebnis* in light of Edmund Husserl's thought, emphasizing the very act of knowing as understood at the core of this philosophical framework—not merely as representing or describing what is external, but as living the appearance of things as meaning given in experience. Assuming that every conscious experience is an *Erlebnis*, and that *Erlebnis* is a lived experience structured by intentionality—by which something is experienced as something—and further, that this structure accompanies and constitutes knowledge, it is pointed out that consciousness and *Erlebnis* are not distinct spheres, but are structurally co-implicated.

**Keywords:** *Erlebnis*; Consciousness; Intentionality; Knowledge; Reflexive consciousness.

### 1 Delimitação do tema e do eixo condutor da reflexão

Vivência, *Erlebnis*, é um termo que aparece em diferentes campos do saber, com sentidos e significados diversos que se revelam carentes de explicitações de como se dá a própria experiência *do* e *no* sujeito que a experiencia. Os estudos realizados no âmbito da fenomenologia husserliana têm me levado a sentir desconforto, quando leio textos de autores que se valem desse termo, na medida em que sinto falta de aprofundamento concernente às suas próprias afirmações. Noto que, fora da fenomenologia, o termo tende a ser associado a uma experiência subjetiva, imediata e emotiva, frequentemente, desvinculada de qualquer análise estruturante da consciência. Saindo do entendimento

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: [mariabicudo@gmail.com](mailto:mariabicudo@gmail.com)



de experiência como caracterizada pela emoção, indo-se para textos que a tomam na dimensão de aspectos sociais e históricos, por exemplo, noto uma tendência a não olhar para a realidade da subjetividade, mas de explicá-la como se dispersando em narrativas que não se organizam para aquele que vivencia ou sente a experiência que realiza, ou, ainda, ser *assujeitada* ao poder imperante que diz o que pode ser vivenciado e como pode ser vivenciado. Esta polissemia de sentidos e significados revela a densidade que envolve o termo vivência. Isso mostra sua força e importância, ao mesmo tempo em que a lança ao campo da fala comum, em que se fala, sem dizer do que se está falando, ou da explicação filosófica e científica que não considera o sujeito que sente e vive em carne e osso o que experiencia.

Trago alguns autores que têm mencionado experiência e mesmo *Erlebnis*, para expor modos pelos quais entendem e tratam essas noções. É relevante o fato de que dada a diversidade de autores importantes, que se valem desses termos, muitos pesquisadores no início de sua formação, como no caso de estudantes de cursos de Pós-Graduação, notadamente de áreas como Educação, Educação Matemática, Psicologia e Sociologia, por exemplo, dizem de vivência, trazendo sentidos diferenciados e, às vezes, contraditórios, sem se dar conta da relevância do ato de vivenciar para a constituição da própria pessoa, da esfera da intersubjetividade e do conhecimento das coisas, quando estão se referindo à pessoa; ou ao horizonte histórico, ao trabalharem com hermenêutica ou mesmo aos modos de compreender o sistema de *saber-poder*, quando seus estudos versam sobre temas de caráter social e político.

Vejamos o que dizem alguns desses autores, a respeito desses termos.

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), por exemplo, ao retomar a *experiência* como categoria formativa na educação, define-a como aquilo que *nos acontece*, isto é, que nos atravessa e nos transforma em contraste com o saber técnico-instrumental ou meramente informativo. Para ele, a experiência se opõe à repetição e à acumulação, marcando-se por sua intensidade afetiva e irreducibilidade ao controle racional. Ainda que essa abordagem recupere algo do espírito do vivido, ela não se propõe a estabelecer condições formais ou gnosiológicas para a investigação da vivência, concentrando-se antes em destacar o significado da experiência na constituição da subjetividade e nos modos singulares de conhecer o mundo. Suas análises permanecem mais na esfera da emoção que o ato de experienciar faz aflorar à pele do sujeito. É comum autores de dissertações de mestrado e de tese de doutorado nas áreas indicadas, pelo menos, valerem-se dessa explicitação, ao dizerem a que se referem, quando escrevem *experiência* ou *vivência*.



Mesmo Gadamer, fortemente influenciado por Heidegger, que foi assessor de Husserl, apresenta uma crítica à *Erlebnis*, ao compreender o sentido dessa ideia no âmago da estética moderna. Em *Verdade e Método*, ele argumenta que a vivência, tal como mobilizada nas estéticas modernas, é marcada pela *subjetivação* e *descontinuidade*, o que a torna incompatível com a experiência hermenêutica que pressupõe fusão de horizontes (Gadamer, 2004, p. 63-65). Esse modo de compreender a vivência, de acordo com ele, lança os sentidos dessa palavra para um jogo polissêmico que expõe o que ela diz para ocorrências episódicas e desprovidas de vínculo com a tradição e com o processo formativo da experiência, motivo pelo qual ele prefere a palavra *Erfahrung*. Segundo esse autor, essa palavra, compreendida no horizonte hermenêutico, diz de experiências acumuladas ao longo do tempo, mais racionais ou práticas e que se transformam, sedimentando-se no tempo e possibilitando a fusão de horizontes entre intérprete e texto.

Desse modo, Gadamer problematiza a **trivialização conceitual** de *Erlebnis* no discurso moderno, defendendo que apenas uma experiência marcada pela historicidade e pelo diálogo com a tradição pode ser filosoficamente frutífera. Ou seja, ele expõe, na crítica que faz ao modo corrente de essa palavra ser dita, modos cotidianos e menos comprometidos com o rigor de uma análise filosófica que vá além do que se pode ver, ao focar-se a vivência na superficialidade em que no mundo cotidiano ela se mostra.

No campo mais amplo das Ciências Humanas, especialmente sob a influência do pós-estruturalismo, a noção de *experiência* é deslocada de seu eixo fenomenológico tradicional. Michel Foucault, por exemplo, propõe uma concepção de experiência como efeito de regimes de *saber-poder*. Em obras como *A hermenêutica do sujeito* (Foucault, 2000), ele argumenta que a experiência não é um dado interior, espontâneo ou originário da subjetividade, mas sim uma construção histórica que emerge de práticas discursivas e institucionais. A subjetividade, nesse sentido, é formada, ou assujeitada, pelas configurações de *saber* e pelas estruturas de *poder* que definem o que pode ser vivido, pensado e dito em cada época. Assim, a experiência torna-se o lugar onde se atualizam normas sociais, morais, médicas ou políticas que constituem o sujeito. Já em Jean-François Lyotard, especialmente em, *A condição pós-moderna* (1984), a experiência aparece como um *fragmento inassimilável*: ela resiste à representação totalizante, escapa à narração contínua da história e rompe com os grandes metarrelatos que prometiam sentido e progresso. A experiência, aqui, não se dá na forma de uma vivência subjetiva contínua e articulada, mas como o impacto de um acontecimento, o *evento*, que não se deixa traduzir nem estabilizar conceitualmente, o que Lyotard denomina como o



*irrepresentável*. O sujeito pós-moderno, nesse contexto, é confrontado com experiências que não se integram, que se dispersam, que não se organizam em uma narrativa de formação, tornando a experiência algo descontínuo e refratário ao saber sistemático.

Na densidade polissêmica dos muitos sentidos e significados do termo *Erlebnis*, entendo que é preciso retomá-lo e analisá-lo de modo a evidenciar o seu potencial filosófico, trazendo-o para o eixo fenomenológico, de maneira a poder retomar e compreender o entrelaçamento da experiência, enquanto vivenciada. Esta é a proposta desse artigo: retomar o termo *vivência* à luz de obras de Edmund Husserl, dando destaque ao próprio ato de conhecer que, no âmago desse pensar filosófico, não é apenas representar ou descrever o que está fora, mas *vivenciar* o aparecer das coisas como sentido dado na experiência.

*Vivência* diz de uma experiência íntima que ocorre na subjetividade de um sujeito, possibilitando que ele perceba, na duração da ação, o que está ocorrendo, o que está sendo vivenciado. Os estudos de Husserl, realizados em diferentes épocas, possibilitam compreender o percurso que vai das vivências à consciência transcendental, bem como compreender *Leib*, em que as vivências se evidenciam como um polo orientador *eu, mundo, outro* (Bicudo, 2022). Nesse artigo, privilegio *Erlebnis* como um fio condutor, para compreender como o conhecimento do mundo e das coisas se faz *para* e *em* um sujeito.

Estando essa intenção posta no título desse artigo, *A vivência como modo de constituição do conhecimento compreendida em Husserl*, faz-se importante esclarecer a ideia de *constituição*, que por sua vez, abrange também *Erlebnis*.

A compreensão de constituição<sup>2</sup> de conhecimento está baseada na compreensão advinda de leituras de Husserl, notadamente da obra, *Idee per una Fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica, secondo volume* (2002), em que o filósofo explicita

---

<sup>2</sup> É importante esclarecer que, na abordagem fenomenológica, não se sustenta que o conhecimento humano se esgote em sua gênese subjetiva, na constituição passiva e ativa do sentido a partir do corpo-vivente e da consciência intencional. Ainda que essa dimensão seja muito importante, o conhecimento se realiza também como produção intersubjetiva, ao se inserir no espaço compartilhado do mundo-da-vida (*Lebenswelt*), possível pela *Einführung*, (intropatia) e sustentado pela linguagem, pelas práticas comunicativas, pelas instituições e pelos meios técnicos e materiais que estabilizam e transmitem o saber. Nesse sentido, o conhecimento não é apenas vivenciado, mas também expresso, comunicado ao outro, produzido, inscrito e mantido em formas históricas de objetividade, o que permite sua comunicação, repetição e transformação. Essa ideia está em consonância, por exemplo, com o afirmado por Husserl em *A Crise das Ciências Europeias* (2008), no Anexo II ao §9, *A origem da Geometria*, quando esse autor introduz a ideia de que o saber se transmite como tradição, expondo que as descobertas científicas e filosóficas se tornam saber disponível para outros através de sedimentações na linguagem, na escrita e no ensino.



o movimento de *constituição* do conhecimento pelo entrelaçamento dos sentidos, experienciados no corpo-vivente ou corpo-encarnado (*Leib*), pelos diferentes órgãos dos sentidos, como audição, tato, visão, paladar, olfato e um sexto, cinestesia, que vão se amalgamando e possibilitando a percepção de um objeto e sua forma em termos de figura e fundo, o qual se presentifica no fluxo da consciência. Ao se focar conhecimento, o seu correlato é solicitado: *a coisa*. Esta é vista como um correlato objetual dos atos da consciência. Entende-se que esta não é tida como um órgão específico, nem como recipiente em que estão crenças e juízos a respeito do certo e do errado; do bem e do mal; também não é uma forma que imprime à experiência modos de organização. Na perspectiva fenomenológica de Edmund Husserl, a consciência não é um recipiente passivo de impressões, mas o campo no qual o sentido do mundo, de si e da alteridade se constitui nas vivências intencionais. Toda experiência consciente — percepção, recordação, fantasia, desejo, dúvida — é uma *Erlebnis*, ou seja, uma vivência estruturada pela intencionalidade, pela qual algo é vivenciado *como* algo. Essa estrutura não apenas acompanha o conhecimento, mas o torna possível: é pela vivência que o conhecimento se constitui. *Consciência e Erlebnis* não são esferas distintas ou sucessivas, mas se coimplicam estruturalmente, pois é na própria vivência, enquanto doação originária de sentido, que se delinea o campo mesmo do conhecer.

Nesse artigo, sustento que: toda experiência consciente é uma *Erlebnis*, uma vez que, para Husserl, *Erlebnis* designa precisamente o *vivenciar* subjetivo, a experiência tal como ela é vivida na consciência; *Erlebnis* é uma vivência estruturada pela intencionalidade, em que algo é vivenciado *como* algo, pois toda *Erlebnis* possui uma direção (*intentio*), é sempre sobre algo (objeto intencional), que é visado pela consciência; essa estrutura acompanha e constitui o conhecimento, uma vez que a vivência é o *solo originário* da constituição de sentido e de validade do conhecimento.

Para tanto, focarei que consciência e vivência não são esferas distintas, mas se coimplicam estruturalmente. Trarei *conhecimento, consciência e percepção*, evidenciando, inicialmente, o movimento de conhecimento da *coisa*. Em seguida, passarei ao salto dado pela fenomenologia husserliana, ao avançar com a compreensão da vivência, enquanto *experiência consciente*, lugar de doação originária de sentido (*Sinnggebung*), delineando-se, então, como o campo mesmo do conhecer. Exporei, na sequência e finalizando o tema, de que me proponho dar conta, a possibilidade da descrição do movimento reflexivo e da redução fenomenológica como possibilidade de compreensão dos próprios atos constitutivos da consciência.



## 2 Conhecimento, consciência e percepção

Husserl rejeita a ideia de que o objeto do conhecimento seja algo dado externamente, *em si*, no sentido kantiano-empírico, independente da experiência. Ao invés de falar em objeto, entendido como uma coisa empírica e objetivamente dada, já trazendo de modo contundente a crítica que formula ao chamado *objetivismo*, ou *realismo ingênuo*, expõe que as coisas são simplesmente *dadas* ao sujeito, a ele se mostrando em seus modos de ser, valendo-se da ideia de fenômeno. Esse *mostrar-se* só é passível de ser descrito, enquanto algo que aparece ou que se doa à consciência; não se permite ser tratado segundo as modalidades dos métodos empíricos, positivistas uma vez que carece de exatidão e de objetificação.

Já nas Investigações Lógicas (2007), Husserl expõe sua preocupação com o método fenomenológico, insistindo na necessidade de serem colocadas de lado todas as certezas embasadas em pressuposições empíricas, para que fosse possível descrever os atos mediante os quais o fenômeno se dá à consciência. Encontram-se, nessa obra, ideias que vão sendo retomadas por ele, como *epoché*, explicitada em *Ideias*, vol. I, dado ao público em 1913 (Husserl, 2006), a respeito da *redução fenomenológica*. Nas Investigações Lógicas, ele apresenta e explicita seu entendimento de toda teoria do conhecimento dever esclarecer os atos mediante os quais os objetos são dados e conhecidos. Permanece fiel a respeito da análise descritiva dos atos cognitivos dever preceder qualquer juízo sobre a realidade objetiva dos objetos, avançando com esse propósito no *Ideias*, volumes I e *Secundo* (Husserl, 2006; 2002). Expõe, assim, que todo objeto é dado num ato intencional da consciência, ou seja, não há objeto sem um correlato subjetivo. E aqui o seu entendimento a respeito de consciência se coloca de modo forte, tornando-se o núcleo do pensar fenomenológico husserliano: *Toda consciência é consciência de algo*. (*Ideias*, §84, p.190, 2006), em que o filósofo afirma: *Por intencionalidade entendíamos aquela propriedade dos vividos de 'ser consciência de algo'*. Ele especifica o modo de ser da consciência como essencialmente intencional, pois sempre está voltada para algo, ainda que esse algo não exista objetivamente. Assim ele se refere ao aspecto de ela ser essencialmente intencional, apontada para algo.

Afirmar que *consciência é sempre consciência de* já diz que não se trata de uma consciência isolada, mas se está dizendo de sua essência e, mais do que isso, que se trata de uma correlação estruturada. Como consequência da afirmação mencionada, põe-se uma visão explícita de conhecimento, entendido não mais como um reflexo imediato, no



sentido de espelhado dos objetos dados em sua objetividade, porém como objetos constituídos na consciência mediante os seus atos, como os de perceber, comparar, articular, julgar etc. Desse modo, ao criticar o psicologismo, nas *Investigações Lógicas*, Husserl prepara o terreno para uma *virada fenomenológica*. Ele propõe que, para compreender o conhecimento, não devemos reduzi-lo aos mecanismos da mente. Ou seja, ao psicologismo, nem a objetos empíricos, ao objetivismo, mas sim descrever os fenômenos tal como se dão à consciência intencional. Isso implica: abandonar a atitude natural, que toma as coisas como simplesmente estando aí; investigar os atos intencionais em que as coisas são experienciadas e compreender a estrutura do fenômeno, não como *coisa em si*, mas como o que se mostra à consciência em seus modos de doação.

Postas essas considerações, torna-se importante saber como o fenômeno se mostra à consciência, ou seja, como a coisa se doa à consciência e, a esse respeito, Husserl traz mais uma afirmação forte e que persiste como suporte da visão fenomenológica: a *percepção*.

A intuição empírica, e, em especial, experiência, é consciência de um objeto individual e, como consciência intuitiva, ‘é ela que traz o objeto em doação’: como *percepção*, ela o traz à doação originária, consciência que apreende ‘originariamente’ o objeto em sua ipseidade em ‘carne osso’ (Husserl, 2006, p. 37, grifo nosso).

Essa intuição é por ele entendida com a força de um princípio, que denomina como o *princípio de todos os princípios*<sup>3</sup>, § 24 (Husserl, 2006, p; 69),

[...] uma vez que toda intuição originária é uma fonte de legitimação do conhecimento, tudo o que nos é oferecido originariamente na ‘intuição’ (por assim dizer em sua efetividade de carne e osso) deve ser simplesmente tomado como tal ele se dá, mas também nos limites dentro dos quais se dá (Husserl, 2006, p; 69).

Realizando um exercício de manter-se no âmbito da *simples intuição* e das sínteses que dela fazem parte, entre as quais se encontra a percepção, Husserl expõe ser evidente que intuição e intuído, percepção e coisa percebida estão reciprocamente referidos em sua essência, mas não são nem uma coisa só, nem estão ligadas realmente e por essência, (Husserl, 2006, p. 97). Esse exercício imaginário é importante, pois o exemplo de ver e tocar uma mesa, de andar em torno dela, modificando a posição no espaço de quem a olha, leva a:

ter continuamente a consciência de que é uma e mesma mesa que está corporalmente aqui, e dela mesma que permanece em si inteiramente

<sup>3</sup> Em *Ideias* (2006, p. 100), na nota de rodapé nº 26, Husserl explicita o que entende por princípio e como o está tomando: “Aqui, como em geral neste escrito, utilizamos a expressão ‘por princípio’ num sentido rigoroso, referindo-se a generalidades, ou melhor, necessidades eidéticas *mais altas* e, por isso, *mais radicais*” (grifos do autor)



inalterada. A percepção da mesa, porém, é uma percepção que se altera constantemente, é uma continuidade de percepção cambiante (Husserl, 2006, p.97).

Desse modo, a complexidade do ato da percepção vai sendo exposta e já vai abrindo questões que levam a compreender que a mesma coisa aparece em contínuas multiplicidades de perfis e, também, aparecem em um fluir temporal, pois afirma que “a percepção mesma, portanto, é o que é no fluxo constante da consciência e é ela mesma um fluxo constante” (Husserl, 2006, p.98) e, ainda, que “a mesma cor aparece em contínuas multiplicidades de perfis de cor” (Husserl, 2006, p.98). Husserl, nesse excerto, está dizendo da cor da mesa, mencionada no exemplo citado.

Husserl dá destaque à intuição sensível, por considerá-la como sendo o modo privilegiado pelo qual algo nos é dado originariamente, ou seja, como presença plena da coisa percebida, como explicitado acima. “A consciência intuitiva, [...] ‘traz o objeto em doação’ [...] como percepção, ela o traz à doação originária” (Husserl, 2006, p.37). Assim, a consciência apreende, *originariamente*, o objeto na intuição originária, no ver primeiro de modo claro o objeto naquilo em que ele se doa, fundando uma evidência originária. Pode-se depreender, então, que *toda doação originária funda uma evidência e o modo originário de doação é a percepção sensível*. Ele, entretanto, não desconsidera a aprecepção, como uma forma de presença representada, ou seja, não dada diretamente aos sentidos, porém vivenciada como estando presente junto com o percebido. Sendo assim, o destaque dado por ele à percepção sensível assegura sua afirmação que é na intuição originária que a coisa se mostra em carne e osso, ao contrário de outros modos de algo ser dado à consciência, como no caso da lembrança ou da imaginação, que a trazem de maneira *não originária*.

Tem-se, assim, que a *percepção* é o ponto de encontro originário de o objeto ser *constituído na vivência*. Além de ser ponto de encontro, ela também fundamenta o sentido do objeto como algo real, presente, constituindo-se como a base do conhecimento, porque, nos atos realizados na vivência, dá-se a doação da coisa com a maior força possível. Ela não traz à consciência tão somente sensações pontuais; traz, porém, na ação de perceber uma totalidade, uma unidade, uma identidade, ou seja, algo categorial. Isso quer dizer que ela implica estruturas conceituais: uma coisa percebida é sempre mais do que o fluxo sensível, ela tem sentido como objeto, como algo *constituído na e pela* consciência. Na fenomenologia husserliana, a percepção é mais do que uma entrada passiva de dados sensoriais, uma vez que se mostra como: o fundamento originário do



conhecimento, um ato intencional estruturado, onde algo é dado à consciência com presença plena, uma experiência que já envolve categorialidade, isto é, sentido, unidade, identificação. Assim, conhecer algo não é simplesmente ser afetado por estímulos, mas perceber algo como algo, num contexto onde a consciência, por meio de seus atos intencionais, constitui o objeto enquanto significativo.

### 3 Do fenômeno à vivência: a constituição interna da experiência

A exposição acima tratou de como, no pensar husserliano, a coisa é percebida, afirmando-se que a fenomenologia a toma como ela aparece à consciência, isto é, nos atos em que é intencionada. “[...] não nego este ‘mundo’ como se eu fosse sofista, ‘não duvido de sua existência’, como se eu fosse cético, mas efetuo a epoché ‘fenomenológica’, que me impede totalmente de fazer ‘qualquer juízo sobre existência espaço-temporal’” (Husserl, 2006, p. 81). Isso exige que se abandone a atitude natural, em que se toma o mundo como dado e objetivo e que não destaca a experiência em que a coisa se doa à consciência em seus modos de doação. A compreensão do *fenômeno* se realiza no movimento de analisar os modos pelos quais ele se dá à consciência, ou seja, em que atos se atualizam e, avançando em termos de uma análise em que se procede de modo arqueológico, forçando-se o entendimento desse termo; enquanto escavação arqueológica, avança-se em direção a conhecer como esses atos se atualizam na dimensão da consciência. Está sendo dado um salto, na *démarche* da exposição do modo de compreender-se *conhecimento* na filosofia aqui focada, indo-se da *coisa* percebida à *vivência*, fluxo de ocorrência dos atos na dimensão da própria consciência. As vivências não são entendidas como meras ocorrências psicológicas individualizadas; possuem, no entanto, uma estrutura intencional e eidética universal. Um sentimento como alegria (ou tristeza, ou medo), por exemplo, é vivenciada de um modo universal de alegria como tal, e cada vivência de alegria se dá de modo singular.

Focar as vivências, buscando-se compreender o modo pelo qual se constituem como nucleares à compreensão do conhecimento, conduz a dois caminhos a serem percorridos: o da *consciência transcendental* e o ato em movimento atualizador, substantivado como *Erlebnis*, que vem do verbo *erlebem*.

Husserl toma *Erlebnis* como base da fenomenologia transcendental. Essa palavra é de difícil tradução para a língua portuguesa, pois diz do ato de viver algo se dando no momento do agora, dizendo do movimento e do *acontecendo* do ato, sendo experienciado *exatamente neste agora*. Desse modo, não diz de experiência, como a psicologia



psicofísica a ela se refere, pois não é apenas experimentar algo, mas sentir internamente o que se está vivendo, ao dirigir-se intencionalmente a algo. Esse é o ponto que Husserl quer destacar, pois via a psicologia psicofísica, estudada em sua época, como uma psicologia sem alma, conforme Ales Bello escreve. Essa autora revela as dificuldades da tradução de *Erlebnis*, ao dizer que embora não considere impróprio o termo *vissuto*, encontrado em traduções para o italiano, como, por exemplo, na obra *Idee, Libro Secondo*, pois diz de algo vivido no passado e *Erlebnis* diz do ato se atualizando no momento presente. Ela se expressa claramente a esse respeito, ao dizer:

O termo italiano “vissuto” tenta traduzir a palavra alemã *Erlebnis*, intraduzível para a língua italiana. Por essa razão, o primeiro tradutor de Husserl, Enrico Filippini, na tradução das *Ideias* de 1965, introduziu o termo *vissuto*, através do qual se indica sinteticamente a expressão mais ampla: “aquilo que é vivido por mim”, ou seja, o ato que estou vivenciando; *vissuto*, nesse caso, não tem o significado de ato relativo ao passado, mas é antes, gramaticalmente, um passivo que, no entanto, se refere a uma atividade do sujeito apreendida no momento em que se apresenta. Todavia, para tornar compreensível o sentido do vocábulo alemão, proponho o uso de um neologismo, ou seja, **vivença**, cunhado em assonância com o vocábulo espanhol *vivencia* e com o português *vivência*, aliás, proposto por Ortega y Gasset como tradução de *Erlebnis*. (Ales Bello, 2024, p. 10)<sup>4</sup>.

O termo indica o ato de consciência, que está sendo vivenciado na primeira pessoa, explicitando uma dimensão profundamente subjetiva, imediata e dinâmica da experiência vivenciada no momento presente. Trata-se da experiência imediata e originária pela qual a realidade se revela, sendo uma vivência inicial sem mediação conceitual, que embasa e permite a realização de toda investigação fenomenológica. *Erlebinis* diz da experiência de algo que é sentida, referindo-se a qualquer conteúdo da consciência vivenciado internamente, como, por exemplo, uma sensação de dor, de prazer, uma decisão, uma percepção, uma lembrança, uma *Einfühlung*, uma dúvida. É um ato entendido como temporal, pois a vivência sempre se dá no *agora*, porque a realização do ato dura, ou seja, tem uma duração que se estende no *tempo presente* que, então, vai deslizando para o ainda há pouco, para o já foi, isto é, passado, ao mesmo tempo em que traz para o presente - halos ou nuances desse ato que, por sua vez, desliza do

---

<sup>4</sup> O termo italiano “vissuto” tenta traduzir a palavra alemã *Erlebnis*, intraduzível para a língua italiana. Por essa razão, o primeiro tradutor de Husserl, Enrico Filippini, na tradução das *Ideias* de 1965, introduziu o termo *vissuto*, através do qual se indica, sinteticamente, a expressão mais ampla: “aquilo que é vivido por mim”, ou seja, o ato que estou vivenciando; *vissuto*, nesse caso, não tem o significado de ato relativo ao passado, mas é antes, gramaticalmente, um passivo que, no entanto, refere-se a uma atividade do sujeito apreendida no momento em que se apresenta. Todavia, para tornar compreensível o sentido do vocábulo alemão, proponho o uso de um neologismo, ou seja, **vivença**, cunhado em assonância com o vocábulo espanhol *vivencia* e com o português *vivência*, aliás, proposto por Ortega y Gasset como tradução de *Erlebnis* (Ales Bello, Nota 18, p. 10, 2024).



*ainda não* para o *agora*. O ato em realização se mostra em modificações como *sendo* e *sendo sido* e *vindo a ser* simultâneos, que se deslizam nas três dimensões do fluxo temporal das vivências. “O fluxo de vivido, no entanto não pode começar nem findar” (Husserl, 2006, p. 185). É um fluxo contínuo, completamente, preenchido por unidades temporais de vivências.

A propriedade eidética que a designação ‘temporalidade’ exprime para vividos não assinala somente algo inerente em geral a todo vivido individual, mas uma ‘forma necessária de vinculação entre vividos’. -Todo vivido efetivo (efetuamos essa evidência com base em intuição clara de uma efetividade de vivido) é necessariamente um vivido que perdura; e com essa duração ele se ordena num contínuo infindo de durações – num contínuo ‘preenchido’ (Husserl, 2006, p.185, destaques do autor).

Entende-se, assim, que uma unidade temporal de uma vivência individual tem começo e fim. Por exemplo: *sinto a alegria de ver uma grande amiga que há tempo não via*; essa vivência de sentir a alegria tem uma duração - começo e fim. Na dimensão temporal, o *agora* vai deslizando para o *já foi*, ou para o *ainda há pouco* e trazendo para o *agora* presente, preenchendo-o, outras modalidades dessa vivência da alegria, dimensões temporais que vão modificando a vivência do *agora* da vivência original, primeira. Essa unidade temporal, entretanto, dá-se no âmbito do fluxo das vivências que se evidencia como um único fluxo de vividos, preenchido em todas as três dimensões, essencialmente, conexo nesse preenchimento, requerendo continuidade de conteúdo. Esse fluxo puro não tem fim, diferentemente da vivência de um ato individual. Assim, o fluxo contínuo das vivências não sofre rupturas, porque a conexão das unidades temporais e a temporalidade tríplice simultâneas se dá pelo preenchimento de conteúdos dos atos. “[...] nenhum vivido concreto pode ser considerado como algo independente em sentido pleno; o que não deve ser entendido com referência a um nexu arbitrário, mas a um nexu que se impõe por sua espécie e forma.” (Husserl, 2006, p.189, grifo do autor). Toda vivência influencia o halo, escuro ou claro das outras vivências. No caso do exemplo dado acima, a alegria do encontro com a amiga, sentida de modo claro e positivo, influencia a vivência conexa referente à chegada de outra pessoa conhecida em um momento seguinte, a qual é recebida de modo positivo e alegre, mas não com a alegria vivenciada na mesma intensidade, quando do encontro com a amiga que não via há tempo, ou seja, é um modo diferente de vivência. Além desse aspecto da modalidade e intensidade da vivência, o nexu no fluxo também se fortalece pela espécie e forma da vivência, que, neste caso, diz de se estar na dimensão de sentimentos e de relações de amizade. Essa vivência individual, entretanto, encontra-se *passando* em um único fluxo infinito de vivências,



preenchido em todas as três dimensões. A ideia desse *passar* é expressa pela imagem de “una lastra di vetro, sulla quale si fissa cioè che viviamo, in continuo fluire di iscrizioni”(Ales Bello, 2012, p. 119)<sup>5</sup> Essa autora explica que se vale do termo *folha*, para indicar que tal esfera existe, mas não é vista de modo fácil, e, por causa de sua transparência, é fugidia como dados de pesquisa, embora esteja sempre presente.

Compreende-se, assim, que, na fenomenologia husserliana, a vivência se dá *no tempo interno da consciência*, num fluxo contínuo do *agora*, instante do ato, *retenção*, passado imediato para o qual, no fluxo, o presente se desliza e *protenção*, o futuro imediato se deslizando para o agora. Essa estrutura triádica é condição de possibilidade da *experiência contínua e unitária*, pois permite, por exemplo, ouvir uma melodia e percebê-la como uma totalidade, mesmo que cada nota soe em um momento diferente. *Erlebnis*, como ato temporal e vivenciado, é o que sustenta a unidade da experiência e, por consequência, do conhecimento. E é só na temporalidade interna dessas vivências que o objeto é, unitariamente, constituído. Desse modo, o *objeto* aparece sempre em um horizonte temporal que o excede, pois cada momento carrega consigo o eco do que passou e a antecipação do que virá, sustentando sua *constituição unificada*.

Das vivências configuradas, temos conhecimento e isso, conforme Ales Bello (2012, p.119), justifica o termo consciência, dizendo de *dar-se conta de algo*.

#### **4 Da consciência da vivência fluindo no fluxo temporal à consciência reflexiva da vivência tomada como objeto de reflexão**

Como descrever vivência enquanto percebida, como algo de que somos conscientes, tendo em vista compreender os atos intencionais? Essa pergunta leva à questão da possibilidade de tematizar *Erlebnis* e realizar um movimento reflexivo para compreendê-la, bem como compreender os nexos estabelecidos entre os fluxos das vivências. Colocando-as em epoché, elas se tornam *objeto de atenção reflexiva*. Isso nos conduz ao coração da *fenomenologia reflexiva*, onde: a consciência *vive* atos intencionais no fluxo do tempo; podendo, posteriormente, voltar-se para si mesma, perceber, recolher, descrever essas vivências. Essa *percepção da vivência* não é uma percepção empírica ou sensível, mas uma *autoapreensão intencional*, passível de ser realizada pela consciência transcendental.

---

<sup>5</sup> [...] de uma folha de vidro, sobre a qual se fixa isso que vivemos, em contínuo fluir de inscrições.



Na reflexão natural da vida cotidiana, permanecemos no mundo que está dado de antemão como ser. Pela leitura da Segunda Meditação Cartesiana (Husserl, 2010 p. 81), pode-se entender que essa reflexão se dá em nível da consciência, porém não em nível da *consciência reflexiva* que, segundo Ales Bello, “[...] non vuol dire conoscenza di secondo grado, cioè riflessione” (Ales Bello, 2012, p. 119)<sup>6</sup>. Esses modos de reflexão se dão em diferentes âmbitos de vivências, inclusive naquelas psíquicas. Sendo assim, para uma investigação mais avançada dos atos reflexivos, há que se distinguir entre, de um lado, a apreensão perceptiva de atos consumados, diretamente, como o recordar, o valorar etc., sobre os quais se pode estar atento ou ciente e; de outro lado, as reflexões enquanto atos de apreensão de outro nível. Como exemplo desse movimento reflexivo, as palavras de Husserl são esclarecedoras: “Percepçionando diretamente captamos, por exemplo, a casa e não o próprio percepçionar. Só na reflexão ‘nos dirigimos’ para o próprio acto e para o seu estar-dirigido para a casa” (Husserl, 2010, p.81). Estamos nos deslocando, então, para a reflexão fenomenológica transcendental. Entra em cena, no lugar da vivência original, outra que difere da vivência original de modo essencial. “A reflexão natural altera bem essencialmente a vivência que antes era ingênua; esta perde o modo originário de estar diretamente dirigido, precisamente porque a reflexão torna objecto o que antes era vivência, mas não objetivo” (Husserl, 2010, p. 81). Ou seja, torna objeto de conhecimento o que antes era vivência, porém não o torna objetivamente dado. Esse movimento expõe a tarefa da reflexão transcendental, qual seja, não repetir a vivência originária; mas, considerá-la e poder expor o que nela se pode encontrar. Sendo assim, a reflexão transcendental abre possibilidades de descreverem-se os atos intencionais que se dão na própria vivência.

Aqui, dá-se mais um salto. Está-se no âmbito da *consciência da consciência*, ou seja, está-se na dimensão da consciência transcendental. Explicitando a ideia: da percepção das vivências avança-se para o conhecimento do nelas vivenciado; vai-se além da descrição, do relatar o ocorrido. Adentra-se para a compreensão dos atos intencionais realizados na vivência, na medida em que a vivência se torna objeto de investigação. Está-se se falando, entendo, do novo território, explicitado por Husserl na Introdução da primeira tradução para o inglês de *Ideias* vol. I (Husserl, 1972), como sendo “la regione transcendetale che porta in sé intenzionalmente o universo reale e possibile” (Ales Bello, 2003, p. 25)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> [...] não quer dizer conhecimento de segundo grau, isto é, reflexão.

<sup>7</sup> [...] é a região transcendental que traz consigo intencionalmente o universo real e possível.



A redução transcendental possibilita compreendermos as estruturas constitutivas da vivência, abrindo múltiplas vias de investigação fenomenológica, ao se investigar, por exemplo, as estruturas constitutivas do eu-puro, da subjetividade, da intersubjetividade, da lógica e de objetos formais, da ciência, da realidade histórico-sócio-cultural. Entendo que esse é o sentido da fala de Husserl no *Author's preface in the English Edition*, na primeira edição publicada em inglês em 1931: The author sees the infinite open country of the true philosophy, the “promised land” on which himself will never set foot (Husserl, Ideais, 1972, p.21)<sup>8</sup>.

## 5 Retomando e refletindo sobre exposto ao longo do texto

Compreender *vivência*, na dimensão da busca pelo dar-se conta dos modos pelos quais o conhecimento se constitui e em que ela se mostra como campo originário de doação de sentido, lança-nos para um território aberto em que se pode ir além da descrição, do relatar o ocorrido e a respectiva ciência do que ocorreu e que se adentre pelos caminhos que conduzem à compreensão dos atos intencionais realizados na vivência. Nesse terreno, evidencia-se um modo de apreensão rigorosa do próprio aparecer das coisas no horizonte da subjetividade, em que as vivências se inscrevem em uma folha invisível, deslizando pelo fluxo temporal dos vividos. Penetra-se pela compreensão do próprio fluxo, como fluxo ininterrupto da consciência, dando-se conta das vivências e seus vividos que nele aparecem. A possibilidade de tematizar o fluxo e de tematizar as vivências que nele aparecerem ilumina a compreensão de continuidade e de infinitude do fluxo, ao mesmo tempo em que viabiliza a compreensão da *constituição unificada* dos objetos. O percurso aqui traçado mostrou que a consciência não é apenas receptora passiva de conteúdo, mas instância ativa de constituição de sentido, uma atividade que se dá no interior do fluxo temporal da experiência, que é ininterrupto e infindável, mas onde cada *Erlebnis* se inscreve como acontecimento único, irreduzível e fundante.

Nesse território, pode-se ir além, e, como resultante do trabalho de escavação, é possível compreender a esfera da consciência reflexiva e, com ela, a dimensão da consciência transcendental. Ilumina-se o núcleo mais radical da fenomenologia: aquele

---

<sup>8</sup> “O autor vê a infinita terra aberta da verdadeira filosofia, a 'terra prometida' na qual ele mesmo jamais colocará os pés.”



em que o sujeito não apenas vive, mas se compreende enquanto vive, bem como a própria vida, constituindo o mundo e a si mesmo na mesma operação.

Essa compreensão, por sua vez, insere-nos numa dimensão de corresponsabilidade pela constituição de sentido do mundo e da própria vida, já que é no interior da experiência vivida e refletida que o mundo adquire forma e valor. Somos lançados à dimensão ética, para a qual a compreensão da própria vida nos conduz.

## Referências

ALES BELLO, A. **L'universo nella coscienza**: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: Edizioni ETRS, 2003.

ALES BELLO, A. **...e la coscienza? Fenomenologia, psico-patologia, neuroscienze**. Bari: Edizioni Giuseppe Laterza, 2012.

ALES BELLO, A. **“Empatia” si dice in molti modi**. Roma: Castelvecchi, 2021.

ALES BELLO, A. Tracce agostiniane negli scritti di Husserl. **Bolletino Filosofico**, Napoli, v. XXXIX, p. 7–25, 2024. Suplemento: Il confronto di Edmund Husserl con la storia della filosofia.

BICUDO, M. A. V. O corpo-vivente: centro de orientação eu-mundo-outro. **Medica Review**, [S.I.], v. 10, n. 2, p. 119–135, 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.I.], n. 19, p. 20–28, 2002.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HUSSERL, E. **Ideas**: general introduction to pure phenomenology. New York: Collier Books, 1972. Fourth printing.

HUSSERL, E. **Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica**: libro secondo – ricerche fenomenologiche sopra la costituzione; libro terzo – la fenomenologia e i fondamenti delle scienze. Torino: Einaudi, 2002.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas. Parte I: Investigações para a Fenomenologia e para a Teoria do Conhecimento**. Segundo Volume. Tradução Pedro M.S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas. Parte II: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento**. Tradução Carlos Aurélio Morujão. Segundo Volume. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.



HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução fenomenológica. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Lisboa, 2008.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas**. Lisboa: Phainomenon; Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

LYOTARD, J.-F. **La condition postmoderne**. Paris: Minuit, 1984.

**Recebido em:** 30 de julho de 2025.

**Aceito em:** 08 de outubro de 2025.